

## Hashtags e Testemunhos: trajetos do sofrimento entre mulheres evangélicas no WhatsApp<sup>1</sup>

Lorena Mochel (PPGAS Museu Nacional - UFRJ)

Palavras-chave: Interseccionalidade; WhatsApp; Evangélicas.

### Introdução

Contar o testemunho é um momento em que se narra a superação de um sofrimento. Transformar os esforços de um trabalho espiritual que resultou na operação de milagres é uma ocasião que merece ser compartilhada, publicizada para que “outras vidas possam ser tocadas por Jesus”, como ouvi frequentemente de diversas interlocutoras evangélicas com quem convivi durante o trabalho de campo. Nossas entrevistas muitas vezes se transformavam em momentos de partilha de testemunhos que eu já conhecera por ter ouvido trechos e fragmentos da história noutros espaços, contados por elas ou por outras pessoas com quem compartilhávamos o convívio. A repetição deste momento, no entanto, não suavizava as emoções que surgiam ao contar mais uma vez a mesma trajetória de superação. “Eu sempre choro, é sempre como se tivesse contando pela primeira vez”, me disse Carmem em nossa entrevista.

No entanto, não havia sido através dela a primeira vez em que conheci seu testemunho, mas da pastora que lidera o grupo de oração Mulheres Virtuosas<sup>2</sup>. No gerenciamento deste e outros grupos homônimos de *WhatsApp* que exerce junto com seu marido, também pastor, Cristiane costuma incentivar que as participantes enviem testemunhos que certifiquem os milagres operados através de orações e campanhas convocadas pelo casal no grupo. Os testemunhos, muitas vezes enviados pelas integrantes em formato de mensagem de voz, também contam com registros em fotos ou prints que comprovam aquilo que foi narrado.

Nesta produção cotidiana de valor moral através de testemunhos (DULLO, 2015; TEIXEIRA, 2016), busco refletir sobre o que a circulação destas narrativas promovida através de grupos formados por mulheres evangélicas no *WhatsApp* tem elaborado para compreender seus usos do digital na interação com marcadores sociais da diferença. A partir de uma etnografia realizada em um ministério sem vínculos institucionais que inclui

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Assim como os nomes de pessoas, também utilizei nomes fictícios para os grupos e igrejas aqui mencionados.

diversos grupos de oração femininos no WhatsApp e eventos voltados para mulheres evangélicas em suas igrejas, lares e outros espaços de sociabilidade, busquei analisar de que maneiras a circulação digital de testemunhos tem expandido e transformado redes religiosas de confiança entre mulheres e modos de re-narrar o sofrimento (DAS, 2020).

Trago como objetivo neste artigo explorar de que formas estes usos que mulheres evangélicas vêm fazendo do WhatsApp integram redes digitais femininas de cuidado e vem formando novas coletividades que extrapolam limites territoriais de seus bairros, estados e países. Aponto, nesse sentido, para algumas ressonâncias com as mudanças produzidas por usos testemunhais que sujeitos feministas tem feito nas redes sociais nos últimos anos, possibilitando pensar sobre como usos interseccionais do digital vem transformando sensibilidades relacionadas à família, violência e justiça entre mulheres evangélicas.

### **Ministérios no *WhatsApp***

“A maioria dos grupos de oração tem uma palavra, tem um versículo, mas o próprio líder pregar todos os dias, não tem”. No dia em que esta afirmativa foi feita, em agosto de 2020, eu conversava com a pastora Cristiane sobre as mudanças causadas pela pandemia do novo *coronavírus* em sua rotina digital de interação no ministério. A justificativa que se seguiu nesta frase também demonstra sua demanda por reconhecimento da legitimidade alcançada entre as “virtuosas”, como costuma chamar as integrantes do ministério: “Temos tudo que um ministério tem, só não temos a sede. Temos testemunho, a gente tem Palavra, temos milagre (ênfase), a gente tem transformação!”

Ser ministério, nesse sentido, não significaria ter a institucionalidade demandada por uma igreja. Em suas palavras, o que ela e seu marido haviam construído era uma “igreja sem placa”. Desde o início da pandemia notei que sua disposição para realizar extensas pregações diárias havia aumentado junto ao crescimento das transmissões *online* de cultos e outras atividades religiosas. Minha percepção corroborava com uma mudança que ela indica posteriormente no mesmo diálogo: “o vírus só me estimulou a ir além”.

“Ir além”, nesse sentido, correspondeu a uma intensificação para o investimento nas campanhas de oração que incluía pregações, jejuns, orações coletivas e compartilhamento de testemunhos entre centenas de mulheres de todas as partes do mundo que interagiam nos dois dos diversos grupos de WhatsApp homônimos Mulheres Virtuosas. Estive

presente em dois deles, apelidados de “grupo do Brasil” e “grupo da Itália”, acompanhando a rotina digital de centenas de mulheres que congregavam em diferentes igrejas e “seguiram” a pastora através do grupo de oração, dos eventos para mulheres evangélicas que realizava ou em ambos.

Mesmo que as interações individuais e coletivas no “zap” - como o aplicativo é popularmente conhecido em nosso país - tenham se tornado as mais comuns em meu cotidiano de pesquisa, a decisão por analisar com maior aprofundamento os convívios nos grupos de *WhatsApp* foi resultado de processos reflexivos incorporados. Ao sentir os efeitos destas interações digitais através do meu próprio corpo, também passei a olhar mais atentamente tanto para as constantes demandas por atenção ao celular quanto para a imaginação sensorial disposta na imensidão de conteúdos em texto e audiovisual diariamente compartilhados. Embora conviver digitalmente entre “coisas de crente”, como me disse Cristiane a respeito deste cotidiano *online*, não estivesse inicialmente em meus horizontes analíticos, estas dinâmicas passaram a receber cada vez mais centralidade no tempo e espaço dedicados ao trabalho de campo.

A enorme quantidade e frequência na replicação de conteúdos similares aproximam este de outros grupos públicos de zap, que apresentam dinâmicas relacionadas ao “populismo digital” (CESARINO, 2019). Somadas às *fake News*, fundamentais ao funcionamento deste modelo de populismo, nos *grupos das virtuosas* multiplicavam-se mensagens coloridas de saudação pela manhã, tarde e noite, “devocionais”, versículos bíblicos, mensagens motivacionais, vagas de emprego, louvores, originados também de outras plataformas como YouTube, Facebook, TikTok, Kwai, Bíblia JFA da Mulher, Bíblia Sagrada Mobicid, entre outros.

A profusão de hábitos religiosos como orar e pedir orações, contar testemunhos, realizar pregações e participar de campanhas<sup>3</sup> são resultantes das trocas diárias entre o casal de pastores pentecostais. Nos dois destes variados em que estive como pesquisadora, as centenas de participantes eram incentivadas pelo casal a compartilhar

---

<sup>3</sup> No contexto pentecostal, as campanhas são ocasiões em que os participantes se reúnem para cumprir um objetivo, geralmente relacionado a um tema proposto pela liderança religiosa, tais como sentimental, financeiro, cura para doenças, entre outros. Entre as interlocutoras desta pesquisa, o termo também apareceu com usos alternativos aos termos “propósito” e “ato profético”, envolvendo práticas em que se profetiza por ações divinas no mundo e intercessões para casos considerados difíceis. Em geral, é realizado de modo coletivo e, em alguns contextos, também é comum que se agregue à dinâmica da batalha espiritual a execução de atividades específicas para se comunicar com Deus, com a utilização de objetos, “pontos de contato” como peças de roupa, fotografias, óleo de unção, entre outros. As atividades e objetos frequentemente recriam passagens bíblicas e remetem aos usos feitos por apóstolos para operar milagres através da fé.

orações e dezenas delas interagiam constantemente de algum modo, o que faziam com que os grupos estivessem sempre no topo de minha caixa de mensagens no aplicativo.

Embora eu convivesse com algumas delas noutros espaços que atravessavam os grupos de zap, como nos eventos que ali também eram divulgados, muitas nunca haviam compartilhado presença noutro espaço. De modo geral, elas haviam chegado até ali como eu, convidadas diretamente pelo casal após um culto em que acabaram de pregar de modo itinerante em uma igreja, lar, garagem ou laje adaptados para um evento voltado para mulheres. Elas também chegavam indicadas pelas “irmãs” que já ali estavam ou vindas de redes sociais em que o link dos grupos foi compartilhado.

Ao se articularem a outros processos cotidianos, as dinâmicas nos grupos expressam transformações mais amplas que as dinâmicas digitais vêm causando através da relação do espaço público com o campo das intimidades. Estas relações e suas fronteiras tornaram-se fonte fundamental para um dos objetivos que busquei neste trabalho: compreender como estas práticas religiosas estão se transformando no digital e, por sua vez, também mutuamente modificando formas de usar este aplicativo.

Ao longo deste caminho, interroguei na pesquisa sobre como as mulheres evangélicas vem construindo projetos ético-políticos de um aprendizado que envolve materialidades do corpo, das coisas e dos artefatos tecnológicos. Dialogar com o olhar crítico à produção secular da categoria religião (ASAD, 2021 [1993]) foi fundamental ao deslocamento destas práticas do lugar de crenças ou essências para compreendê-las enquanto modos de conhecimento (VELHO, 2010). As constituições mútuas das mediações religiosas com mídias e materialidades (MOORS & MEYER, 2006; MEYER, 2019) também se construíram bases teórico metodológicas pelas quais refleti sobre ministérios no *WhatsApp* enquanto parte da estética da política pentecostal contemporânea (MACHADO, 2021).

Além de serem compostos por um conjunto heterogêneo de mulheres, entre elas pastoras, missionárias, fiéis, diaconisas, “desviadas”<sup>4</sup>, os agenciamentos femininos nestes grupos são majoritariamente feitos por mulheres pretas e pardas, heterossexuais e na faixa etária entre 30 e 60 anos. Ao contrário de tornar homogêneas as dinâmicas que envolvem aquelas que se apresentam como brancas, não seguem práticas heteronormativas ou

---

<sup>4</sup> Termo êmico que se refere àquelas que se afastaram da opção confessional pelas igrejas evangélicas. Embora possa estar associado ao termo “desigrejada(o)”, mais conhecido fora do campo pentecostal, observei que “desviada(o)” é uma categoria popularmente mais utilizada entre as interlocutoras evangélicas.

escapam a essa faixa geracional, este perfil mais geral indica para os usos religiosos distintos do *WhatsApp* na interação com marcadores sociais da diferença<sup>5</sup>.

Posicionei o aplicativo no centro do debate em busca de pensar caminhos de reflexão sobre os usos interseccionais das tecnologias digitais (LINS, PARREIRAS & FREITAS, 2020), apontando para modos como o *WhatsApp* vem elaborando pedagogias e articulando transformações nas coletividades evangélicas. Se, como afirmou Heloisa Buarque de Almeida (2019), as disputas feitas pelo que a autora chamou de “feminismos *hashtag*” ocasionaram em mudanças nas sensibilidades públicas sobre violência sexual nos últimos anos, de que maneiras mulheres evangélicas que não se definem feministas elaboram suas pedagogias *virtuosas* e constroem sentidos que divergem e por vezes competem com ideários feministas estão modificando sensibilidades femininas através do aplicativo?

Busquei caminhos para responder a esta pergunta indicando para ressonâncias entre coletividades digitais *femininas* evangélicas e movimentações *feministas* mais recentes que recorreram à popularidade das *hashtags*. Para além de propor similaridades e diferenças, aponto para formas como usos coletivos que sujeitos feministas vêm fazendo das redes sociais nos últimos anos estruturaram linguagens coletivas sobre os agenciamentos femininos em torno da violência e justiça no debate público. Seus efeitos, por sua vez, pavimentaram a formação de coletividades digitais formadas por diferentes identidades, incluindo as evangélicas.

Aliado ao repertório cristão do acolhimento universal e à expansão de fronteiras midiáticas pelo pentecostalismo, estes grupos de oração femininos operam como agregadores de modos específicos de narrar o sofrimento, aumentando o alcance e replicação de testemunhos contados por mulheres evangélicas. Se, para entrar no grupo, a única regra explicitada pelas lideranças é ser mulher, as dinâmicas, vocabulários e estéticas evangélicas cravadas nas periferias urbanas cariocas (VITAL DA CUNHA, 2010) *escolhem* quem são as mulheres que formam estas coletividades. O caráter semipúblico<sup>6</sup> dos grupos de zap se apresenta às participantes desta pesquisa enquanto mediação segura para que estabeleçam e ampliem suas redes de confiança entre mulheres,

---

<sup>5</sup> Ao longo da tese utilizo tanto este termo como interseccionalidade de modo intercambiável e complementar. Para um histórico sobre diferenças e aproximações no campo antropológico brasileiro, delimitadas através do termo “categorias em relação”, ver Almeida, Simões, Moutinho e Schwarcz (2018).

<sup>6</sup> Utilizo aqui uma definição de Daniel Miller (2012) para se referir ao ato de postar no Facebook como ato semipúblico, já que não demanda atenção imediata de outro correspondente, ao contrário das mensagens instantâneas ou chamadas telefônicas.

mas somente entre aquelas que se alinham às políticas de raça, gênero e classe/território que constituem estes e muitos outros ministérios evangélicos nas periferias urbanas.

Enquanto espaços que sobrevivem fora da institucionalidade das igrejas, há constantes negociações em torno de sua legitimação e tentativas de driblar precariedades de carreiras pastorais que se fortalecem nas interações digitais. Usar o celular como “campo de batalha”, como costumam reforçar, para expulsar demônios e se aproximar de Deus constitui um dos modos pelos quais mãos femininas que lideram o pentecostalismo vem expandindo seus limites através de mediações digitais.

### **A circulação online dos testemunhos**

Pesquisar religião *através* do *WhatsApp* não significou pesquisar exclusivamente no *WhatsApp*. Para além das circunstâncias que evocam *online* e *offline* como dinâmicas que ocorrem separadamente<sup>7</sup>, pesquisar *através* do *WhatsApp* envolveu múltiplas modalidades de pesquisa demandadas na internet (HINE, 2015) e emprego de estratégias de engajamento com o campo que, por sua vez, buscaram combinar conexões que mulheres evangélicas estabelecem entre *online* e *offline* em seus cotidianos.

Apresento neste texto algumas destas conexões em busca de situar a circulação de testemunhos no ministério, na medida em que ter um testemunho compartilhado nos grupos de *WhatsApp* não era um processo apartado de outros que ocorriam no grupo. Ao longo da etnografia, os eventos voltados para mulheres compuseram o trabalho de campo, realizado em combinação com análises em dois grupos homônimos<sup>8</sup> para os quais fui convidada a conhecer como pesquisadora.

---

<sup>7</sup> Na proposta da antropologia digital adotada por Miller e Horst (2012), as fronteiras entre online e offline transitaram historicamente dos paradigmas acadêmicos da separação para a fusão destes domínios. Segundo os autores, tal proposta pela unificação reflete um diagnóstico equivocado, sustentado em argumentos escatológicos a partir dos quais persiste uma compreensão do virtual como transcendente em detrimento do real como dimensão física autêntica. Sigo a perspectiva que explora a noção de digital para investigar não a separação ou fusão dos domínios online e offline, mas suas relações mútuas, conflitantes e complementares. Opto por utilizar o termo digital ao longo da tese, embora também dialogue com a ampla trajetória consolidada pelos estudos sobre mídia e religião que frequentemente recorrem ao termo virtual para analisar os efeitos de construção da presença religiosa. O privilégio pelo digital, nesse sentido, opera como conceito para demarcar o estabelecimento de relações predominantemente móveis e portáteis observadas ao longo do trabalho de campo.

<sup>8</sup> Neste plano da observação participante, solicitei a autorização das interlocutoras para uso de imagens, áudios e mensagens de texto compartilhados nos grupos de *WhatsApp*. Afim de ocultar ao máximo elementos que possam levar a suas identificações, os dois últimos não se encontram reproduzidos literalmente neste texto. Além disso, como não tive contato direto com todas as participantes dos grupos, que somavam em torno de 150, utilizei somente conteúdos daquelas cujo contato se estendeu à realização de entrevistas e convivência no trabalho de campo. Minha participação online, por sua vez, ocorreu através de intensa produção midiática para o grupo. Fiz registros audiovisuais de diferentes eventos e produzi

Estes eventos, conhecidos como “Chá das Mulheres Virtuosas”, eram realizados pelo casal de pastores Cristiane e Bruno e costumavam ocorrer periodicamente em diversos espaços. Em sua maioria, eram realizados na igreja pentecostal na zona norte carioca<sup>9</sup>, local em que ambos congregavam como pastores voluntários. Enquanto pastores que não ocupam cargos “oficiais” na igreja, os chamados “100%”, aqueles que “vivem da obra” e recebem salário para isto, Cristiane e Bruno contam com uma flexibilização que os mantém em carreiras religiosas nas quais precisam viver de pagamentos por uma graça alcançada através de suas intercessões.

Tem uma carreira pastoral no *WhatsApp*, além de possibilitar agenciamentos que não são autorizados aos(às) pastores e pastoras oficiais, como administrar um projeto/ministério avulso, constitui ações que combinam o clássico carisma weberiano com estratégias de influência digital. Na elaboração destas estratégias, o casal tanto engaja suas seguidoras para a realização de “atos proféticos”, como também são chamadas as campanhas, como atualizam constantemente as formas como estas dinâmicas ocorrem.

Os testemunhos são constantemente solicitados pelo casal “para que a Palavra de Deus possa ser disseminada”. Nem sempre eles são compartilhados pela pessoa que o viveu, como no caso de Allie. A primeira ocasião em que ouvi sobre o que foi apresentado como seu “testemunho de ‘ex-travesti”” foi através de Cristiane, em uma de suas pregações por mensagem de voz no “grupo do Brasil”. Ao narrar uma conversa que havia tido com a mãe de Allie, ela conta sobre a dor de uma mãe que “carrega um espinho na carne” por ter seu “filho primogênito” homossexual.

A mensagem acompanha duas fotos de Allie lado a lado: uma em que estava de vestido colado ao corpo e maquiagem, posando sorridente em um cenário que remetia a uma avenida, outra em que trajava blusa e calça social, com semblante sério. A pastora conta que sua orientação foi para que a mãe continuasse em oração e “conquistasse o menino com amor”. As orações conjuntas, descritas como momento em que “o Espírito Santo começou a trabalhar”, foram feitas em diferentes momentos e diversos lugares: na casa da mãe, em que Allie também morava, em casa de vizinhos e na igreja frequentada pela mãe.

---

cartazes, jornais e outros materiais solicitados pelas interlocutoras ao longo da etnografia. Optei por não participar do cotidiano que envolve dinâmicas evangélicas como orações, jejuns e testemunhos, mas meu engajamento audiovisual permitiu com que circulasse como alguém que, mesmo não sendo evangélica, em suas palavras estava “trabalhando pra Jesus”.

<sup>9</sup> Trata-se de uma igreja de grande porte com sede em São Paulo e diversas filiais distribuídas pelo Brasil.

Ao longo da mensagem, Cristiane enfatizava o quanto era importante que Allie fosse “abraçado e amado” e não “condenado ao inferno”. Ela explica que chamar de “amor”, e não pelo nome feminino que havia sido escolhido, funcionaria também para não “ofendê-lo”. Em uma das visitas, Allie orou junto e recebeu uma revelação de Cristiane sobre sua mudança com “uma nova forma de vestir e de falar”, reagindo com um leve sorriso. Poucos meses depois, a mãe de Allie envia a foto que se tornou testemunho contado pela pastora.

O testemunho foi recebido com grande celebração por integrantes do grupo e, naquela ocasião, nem Allie, nem sua mãe se manifestaram. Após algumas semanas, conheci Allie em um Chá das Virtuosas. No momento da pregação, a pastora olhou em sua direção e disse: “Daqui a pouco a gente vai contar um testemunho sobrenatural aqui”. Sua reação foi tímida, o que fez com que imediatamente abaixasse a cabeça e Cristiane buscasse se corrigir: “mas não se preocupe que não iremos falar nomes, será aqui na frente quando a pessoa estiver pronta pra dar o testemunho”.

Ao final deste culto, que não resultou em testemunho no púlpito, fui chamada pela pastora para ser apresentada para Allie. “Você só usava saltão e vestidinho, né, Allie? Olha como está hoje, um homem lindo!” Olhei para Allie e perguntei se havia um número de telefone para que conversássemos posteriormente. Respondendo com a justificativa de que estaria sem celular no momento, deixei meu número, mas Allie nunca me procurou e também nunca mais voltou ao Chá.

Este é um testemunho em que a exposição da vida de Allie se combina a outros efeitos. As palavras de Cristiane dialogam com outras mães que passam por situações similares. Aqui, as moralidades sexuais moldam a relação estabelecida com a mãe de Allie e, conseqüentemente, com outras mães que compõem o ministério. Conforme indica Gabriel Faimau (2017), sociólogo que pesquisou ministérios proféticos em Botswana, os testemunhos digitais são valiosas narrativas não apenas porque são divulgadas, mas também porque são armazenadas, preservadas para serem enviadas para novos públicos. De acordo com o autor, a relação que testemunhos online estabelece com ouvintes desloca o pertencimento da narrativa a quem testemunha, gerando um engajamento em que ela passa a pertencer também a quem ouve, ou seja, as/os usuárias/os da mídia em questão.

Para legitimar sua autoridade como pastora junto ao ministério, Cristiane segue um caminho já adotado institucionalmente por outros ministérios de legitimar sua credibilidade circulando testemunhos (FAIMAU, *Ibid.*). Se no caso de Allie e sua mãe, os efeitos do testemunho não se refletiram na relação estabelecida com o ministério, o

caso de Luiza indicou para novas relações estabelecidas com a pastora. Com 35 anos, amasiada, com 1 filho e vivendo como faxineira na Itália, ela conta que conheceu a pastora em um dos momentos difíceis de sua vida, quando vivia um relacionamento em que seu namorado a agredia fisicamente e com “xingamentos e insultos”. Luiza também vivia uma outra relação conflituosa com sua mãe, com quem morava na ocasião das agressões, em 2018. Sem ter com quem compartilhar suas dificuldades, ela pedia para que Deus “mostrasse” em orações, sonhos e visões, uma cura para sua “alma machucada”.

A pedido de uma amiga da mãe, a pastora ficaria hospedada em sua própria casa durante a estadia na Itália. No momento em que a viu, sentiu que havia encontrado uma maneira de saber que era Deus quem estava falando: “É ela!”, exclamou a pastora assim que adentrou na sala para conhecê-la. Levando a mão ao coração, Luiza conta que sua reação mais imediata de desconfiança por não conhecer “aquela mulher” foi, aos poucos, se transformando em amor. Além da conexão espiritual provocada pelo encontro entre as duas, a pastora passou a ocupar um espaço de aconselhamento que Luiza não havia construído com outros e outras líderes religiosos(as) nas igrejas pentecostais frequentadas na Itália.

A convivência cotidiana à distância entre ambas pelo WhatsApp fortaleceu os laços para que Luiza conseguisse deixar uma relação conjugal em que era violentada. Mesmo que não tenha procurado uma delegacia para fazer uma denúncia contra o ex-namorado, Luiza foi incentivada pela pastora a não retornar para a antiga relação, estreitando laços religiosos que não foram permitidos nas instituições pelas quais estava passando.

Em paralelo aos “feminismos hashtag” (ALMEIDA, *Ibid.*), tais ministérios também transformam sensibilidades em torno de violências provocadas contra mulheres. Os usos generificados e racializados do WhatsApp, nesse sentido, devem nos convocar a refletir de forma mais aprofundada sobre celulares e aplicativos como espaços privados e seguros para o compartilhamento de intimidades e resolução de problemas cotidianos entre mulheres. Sobretudo para aquelas que não ganham espaço na rotina dos circuitos evangélicos das igrejas com grande capital econômico e midiático, os grupos de WhatsApp apresentam estratégias concretas de enfrentamento às desigualdades. Além disso, enquanto categoria criticada pelos feminismos interseccionais, para este contexto a categoria “mulher” apresenta rentabilidades que possibilitam enfrentamentos às desigualdades de gênero e raça vivenciadas nas igrejas.

### **Considerações finais**

Ao longo deste artigo, argumentei sobre como os usos de grupos de WhatsApp por mulheres evangélicas configuram uma rotina digital caracterizada como ministério. Dentre seus principais estilos narrativos, a atribuição de maior valor ao compartilhamento de mensagens de voz desenvolve sensibilidades religiosas em que a escuta cotidiana de áudios autorais produzidos pelas interlocutoras possibilita a emergência de projetos éticos e amplia circulações femininas mediadas pelo digital.

Se as mulheres e seus numerosos “círculos de orações” ainda dominam o contingente evangélico por estarem mais inclinadas aos exercícios de dons espirituais (PEREIRA, 2015), os grupos de WhatsApp que lideram e participam estão atravessados por dinâmicas nas quais profecias, revelações e curas criam carreiras pastorais e “igrejas sem placa”. No entanto, diferente do que previu Mafra (1998, p. 241) a respeito da multiplicação de novos grupos femininos de caráter “mais carismático e menos formal” não interferirem na estrutura organizacional dos templos – dado que considerou contrário às expansões de uma lógica masculinizada da conquista -, no cenário contemporâneo há ministérios femininos tensionando de modo permanente as fronteiras entre institucional e não institucional.

Ao adotar uma perspectiva sobre os usos interseccionais do *WhatsApp* e a expansão de suas funcionalidades a partir da interação com marcadores sociais da diferença, busquei deslocar meus objetivos de repertórios que tem recebido maior destaque no debate público contemporâneo, cujo centro está na replicação de “novos” formatos de igreja e nos discursos oficiais de representantes evangélicos. Em seu lugar, trago como proposta refletir sobre a multiplicação de personagens anônimos, com a incidência interseccional modificando maneiras como a autoridade religiosa é vivida.

ALMEIDA, Heloisa Buarque. 2019. *From shame to visibility: Hashtag feminism and sexual violence in Brazil*. Sexualidad Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, 33.

ASAD, Talal. 1993. *Formations of the secular. Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Standford UP.

DAS, Veena. 2020. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora UNIFESP.

HINE, Christine. 2015. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. Bloomsbury Academic.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. 2020. *Estratégias para pensar o digital*. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol. 29, n.2, p.1-10, USP.

MACHADO, Carly Barboza. 2020. *Fazendo política em outros congressos: tramas religiosas, práticas midiáticas e a estética da política nas periferias urbanas do Rio de Janeiro*. Debates do NER, Porto Alegre, ano 20, n. 38, p. 19-59, ago./dez.

MAFRA, Clara. 1998. *Gênero e estilo eclesial entre os evangélicos*. In: *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rubem Cesar Fernandes (coordenador e redator) et. al. Rio de Janeiro, Mauad, Pp. 224-250.

PEREIRA, Marcos Vinício de Santana. 2015. *As profetisas no contexto evangélico*. In: *Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos*. org. Fátima Tavares e Emerson Giumbelli. - Salvador : EDUFBA : ABA Publicações.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. 2016. *A mulher universal. Corpo gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias – Navegação Cultural.